

NUANCES DO APRENDIZADO ONLINE ANTES E DURANTE A PANDEMIA: UMA REVISÃO DE TEMAS DA ANPED E DA RBE

NUANCES OF ONLINE LEARNING BEFORE AND DURING THE PANDEMIC: A REVIEW OF ANPED AND RBE THEMES

Recebido em: 12/07/2023

Aceito em: 16/08/2023

Reniel Ribeiro Avelar Júnior¹ 
Alexandra Bujokas de Siqueira² 

Resumo: O presente trabalho faz uma revisão bibliográfica do tipo narrativa a fim de identificar temas e nuances relacionados ao ensino online antes e depois da pandemia de Covid 19., um dos mais importantes representantes do cenário acadêmico e das pesquisas sobre educação. A triagem compreendeu o início de 2020 ao início de 2023 e incluiu trabalhos que abordassem o uso de tecnologias de comunicação e informação em contextos educacionais relacionados ou não com a pandemia de Covid-19, podendo ser estudos de revisão, estudos empíricos e disponíveis na íntegra para leitura. Os critérios de exclusão foram: aplicação de tecnologias de comunicação e informação em contextos não educacionais ou não voltados para a avaliação da tecnologia para o desenvolvimento pedagógico de professores ou alunos, estudos focados em grupos com transtornos de aprendizagem específicos e trabalhos que não estivessem disponíveis integralmente para leitura. Os resultados da análise destacam, entre outros, os seguintes pontos: o conectivismo ganha relevância na reconfiguração das redes de ensino e aprendizagem, a pandemia reforçou uma "desterritorialização do ensino" que já vinha em curso devido ao avanço da internet, há uma demanda urgente para se adotar abordagens adequadas para lidar com a vasta quantidade de informações disponíveis. As percepções de estudantes e professores sobre diferentes modalidades de ensino durante a pandemia não são propriamente otimistas mas, ainda assim, a maioria acredita que a modalidade híbrida será a mais utilizada no ensino superior no futuro. Por fim, há um movimento de "desescolarização" impulsionado pela tecnologia, com ênfase na aprendizagem contínua e na transferência do poder institucional da escola para o indivíduo, movimento esse influenciado por políticas neoliberais que pressionam por uma transformação do sistema educacional tradicional.

Palavras-chave: Ensino online; Pandemia de Covid-19; Mídias digitais; Temas recorrentes; RBE.

Abstract: The present work makes a bibliographic review of the narrative type in order to identify themes and nuances related to online learning before and after the Covid 19 pandemic. For that, 17 articles published in the Revista Brasileira de Educação (RBE) were selected, due to their connection with ANPEd, one of the most important representatives of the academic scene and research on education. The screening comprised the beginning of 2020 to the beginning of 2023 and included works that addressed the use of communication and information technologies in an educational context, related or not to the Covid-19 pandemic, which could be review studies, empirical studies and available in full. for reading. Exclusion criteria were: application of communication and information technologies in non-educational contexts or not aimed at evaluating technology for the pedagogical development of teachers or students, studies focused on groups with specific learning disorders and works that

¹Licenciado em História, mestrando em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: reniel.avelar@hotmail.com

² Doutora em Educação, docente no PPGE da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: alexandra.siqueira@uftm.edu.br

were not fully available for reading. The results of the analysis highlight, among others, the following points: connectivism gains relevance in the reconfiguration of teaching and learning networks, the pandemic reinforced a "deterritorialization of teaching" that was already underway due to the advance of the internet, there is an urgent demand to adopt appropriate approaches to deal with the vast amount of information available. The perceptions of students and teachers about different teaching modalities during the pandemic are not exactly optimistic, but even so, most believe that the hybrid modality will be the most used in higher education in the future. Finally, there is a technology-driven "de-schooling" movement, with an emphasis on continuous learning and the transfer of institutional power from the school to the individual, a movement influenced by neoliberal policies that push for a transformation of the traditional educational system.

Keyword: Online teaching; Covid-19 pandemic; Digital media; Recurring themes; RBE.

INTRODUÇÃO

Um exame nos debates sobre a oferta de ensino remoto no período da pandemia de Covid-19 (2020 – 2022) identifica ao menos cinco grandes conjuntos de problemas: o acesso desigual à internet, particularmente em áreas rurais ou em regiões com infraestrutura limitada, afetando principalmente os alunos de famílias de baixa renda. Também se falou na falta de dispositivos adequados, já que muitos alunos e alunas não possuíam computadores ou tablets e, em muitos casos, compartilhavam na família um único smartphone, com limitações de tela e funcionalidade. A qualidade da conexão também configura uma barreira importante: a instabilidade do sinal provocava interrupções frequentes nas aulas e dificuldades na participação e no acompanhamento do fluxo. Por fim, uma parte significativa dos professores relatou dificuldades de interação e engajamento, já que a dependência de plataformas digitais acabou dificultando a participação ativa dos alunos.

Para além dos problemas de caráter tecnológico, talvez a maior questão foi a sobrecarga tecnológica e a "fadiga digital", porque os professores tiveram de se adaptar rapidamente ao ensino online, sem formação ou condições tecnológicas adequadas, o que os obrigou a passar longas horas na frente de telas, lidar com diferentes plataformas e aplicativos, resolver problemas técnicos, dar assistência a alunos e familiares que não conseguiam acessar os recursos e conteúdos, o que pode ter gerado uma desmotivação generalizada, comprometendo a qualidade do aprendizado.

No final das contas, parece haver certo consenso em torno da ideia de que o saldo geral mais importante foi o acirramento das desigualdades de aprendizado, já que os alunos com menos recursos, suporte familiar limitado ou necessidades educacionais especiais tiveram mais dificuldade para se adaptar à educação online.

Embora tenham se tornado agudos, esses problemas não eram de todo desconhecidos. De fato, o interesse pelo modo como os jovens se engajam com o aprendizado online já é preocupação antiga na área de estudos de mídia e suas relações com a educação. Veja-se, por

exemplo, o estudo conduzido por Green e Hannon em 2007, que indicou existir um sério problema na forma como o planejamento, o desenvolvimento e a inserção dos novos meios de comunicação, como os microcomputadores, os atuais celulares smartphones e tablets, e de novas mídias como a internet e as redes sociais on-line eram integrados - ou não - às ações pedagógicas nas instituições e pelos profissionais da educação.

É que, na maioria das vezes, essas tomadas de decisões, que ocorrem em vários níveis do funcionalismo público e das instituições educacionais, são orientadas de acordo com a compreensão que os governantes, os educadores e outros agentes envolvidos ao longo do processo de ensino têm em relação ao efeitos do uso dessas novas mídias e tecnologias por parte dos jovens (os seus perigos e suas potencialidades) e que pode variar entre uma concepção de “pânico moral” em relação a tecnologia até um olhar “integralizado” do planeta como uma aldeia global. Essas duas perspectivas, o pânico moral e fé absoluta na tecnologia, são respostas caricatas e polarizadas em um debate muito mais complexo que envolve o campo da mídia-educação, mas que influenciam profundamente nas atitudes daqueles que tomam as decisões políticas e econômicas no campo público da educação e que cria, muitas vezes, uma falta de alinhamento entre a virtualidade experimentada pelos jovens estudantes e o espaço das instituições educacionais (GREEN; HANNON, 2007).

Dessa forma nossa atenção se volta para a maneira como os jovens aprendem, e em compreender as razões que eles têm para aprender. Essa possibilidade de refletir sobre a forma como os jovens utilizam e aprendem com as mídias, surge como um movimento proveitoso e em benefício não só do educando, mas também do educador, um momento para que este reavalie a sua própria prática pedagógica à luz da concepção que os jovens têm de suas próprias habilidades; dessa forma compreender como os jovens estão utilizando as novas tecnologias, e aprendendo com estas fora da sala de aula, pode auxiliar na construção de estratégias de como podemos ensinar utilizando novas tecnologias de informação e comunicação (BRUNER, 1996; BUCKINGHAM, 2010; FREIRE, 2021; GREEN e HANNON, 2007; SIQUEIRA e CERIGATTO, 2012).

De fato, a pandemia renovou a preocupação com a forte intersecção das tecnologias digitais no cotidiano da maioria da população, que tem se configurado, nas últimas décadas, em novas formas de comunicação e de maneiras se relacionar, na ampliação das nossas formas de expressão e participação política, constituindo-se como experiências que afetam a direção do desenvolvimento humano.

As instituições educacionais não escapam dessa onda, e os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, durante o período pandêmico, em que houve o fechamento das escolas e a adoção do ensino remoto emergencial como tentativa de diminuir o impacto do isolamento social, foram diretamente afetados, para o bem e para o mal. Compreender as nuances desse cenário é o objetivo do presente trabalho, que fez uma revisão sistemática na base de dados da Revista Brasileira de Educação (RBE) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) , buscando identificar os estudos que relacionassem a mídia-educação nos períodos pré e pós pandemia, publicados entre janeiro de 2020 e fevereiro de 2023. A revisão procurou mapear estudos que versaram sobre as tecnologias associadas às práticas pedagógicas na educação; que descreveram intervenções com o uso de tecnologias como aprimoramento do currículo escolar e do sistema de ensino; e estudos que caracterizaram os usos das tecnologias em contextos educacionais durante o período pandêmico.

Portanto, nosso tipo de estudo se enquadra na revisão de literatura narrativa, buscando oferecendo um olhar sobre o tema das pesquisas com abordagens variadas, analisando o conhecimento até então desenvolvido para abordar os mecanismos pelos quais os dois fenômenos, mídia-educação e pandemia, estão conectados, observando o volume de publicações durante o período, os principais temas e objetos de estudo, ao mesmo tempo que busca identificar lacunas para inspirar pesquisas futuras que podem trazer impulso no campo.

METODOLOGIA

Por se tratar de uma revisão do tipo narrativa não será nosso objetivo esgotar os trabalhos produzidos durante esse período em todos os bancos de dados e revistas acadêmicas que temos à disposição. A escolha pela RBE é devido à sua aproximação com a ANPEd poder ser um pequeno representativo do cenário acadêmico e das pesquisas sobre a educação no atual contexto histórico, com propósito de realizar uma contextualização para o problema e uma posterior análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico (FONSECA, 2002).

O desenvolvimento da revisão, como já dito, foi realizado na base de dados da RBE. O procedimento do levantamento bibliográfico procedeu à seguinte maneira: delimitação do objetivo da revisão, a triagem dos artigos acadêmicos baseado nos critérios de inclusão e exclusão aplicáveis a este estudo de revisão, leitura e extração de informações e materiais dos artigos, síntese e análise de dados para o estudo.

A primeira seleção de trabalho para análise ocorreu por meio da leitura dos títulos e resumo dos artigos publicados ao longo dos anos de 2020 a fevereiro de 2023 – até a data de 15 de fevereiro deste ano – no portal digital da RBE correspondente aos volumes 25, 26, 27 e 28 da revista. Posteriormente os artigos foram lidos integralmente, procedendo a uma segunda seleção com base nessa leitura. Os critérios de inclusão para as duas etapas de seleção levaram em consideração os seguintes termos: trabalhos que abordassem o uso de tecnologias de comunicação e informação em contextos educacionais relacionados ou não com a pandemia de Covid-19, podendo ser estudos de revisão, estudos empíricos e disponíveis na íntegra para leitura. Os critérios de exclusão foram: aplicação de tecnologias de comunicação e informação em contextos não educacionais ou não voltados para a avaliação da tecnologia para o desenvolvimento pedagógico de professores ou alunos, estudos focados em grupos com transtornos de aprendizagem específicos e trabalhos que não estivessem disponíveis integralmente para leitura.

Na primeira etapa de seleção foi realizada a leitura do título e do resumo dos trabalhos. Foram examinados um total de 238 artigos publicados na RBE, todos os trabalhos disponíveis no período investigado foram analisados levando em consideração palavras-chaves como: tecnologias de comunicação e informação, dispositivos digitais, internet, conectivismo, pandemia e Covid-19. No segundo momento da triagem foram considerados os critérios de inclusão e exclusão, dos 22 artigos selecionados para leitura integral, cinco desses artigos foram excluídos baseados nos critérios já citados e 17 trabalhos foram selecionados para fazer parte da análise e discussão. O Quadro 1 relaciona o corpus considerado para análise.

Quadro 1 – Artigos selecionados para análise

	TÍTULO	AUTORIA	EDIÇÃO
1	Repercussões das tecnologias digitais sobre o desempenho de atenção: em busca de evidências científicas.	Daniela Karine Ramos e Rui Marques Vieira.	vol. 25 e250048
2	Aspectos pedagógicos del conectivismo y su relación con redes sociales y ecologías del aprendizaje.	Jaime Andrés Torres Ortiz e Thiago Henrique Barnabé Corrêa.	vol. 25 e250026
3	Tecnologias digitais, letramentos e gêneros discursivos nas diferentes áreas da BNCC: reflexos nos anos finais do ensino fundamental e na formação de professores.	Ângela Francine Fuza e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda.	vol.25 e250009
4	O uso das tecnologias como ferramentas para a formação continuada e autoformação docente.	Giovanni Bohm Machado, Juliana Aquino Machado, Leandro Krug Wives e Gilberto Ferreira da Silva.	vol.26 e260048

5	Sociedade da aprendizagem, instituto nacional de cinema educativo (INCE) e TV Escola: governamento dos sujeitos via curtas-metragens de animação.	Bruno da Mata Farias e Valéria Cazetta.	vol.26 e260044
6	Modalidades de ensino nas universidades brasileiras e portuguesas: um estudo de caso sobre a percepção de alunos e professores em tempos de Covid-19.	Amanda Maraschin Bruscato e Jorge Baptista.	vol.26 e260035
7	Aprendizaje colaborativo en grupos virtuales internacionales: creación de reportajes multimedia.	Simón Peña Fernández, Ainara Larrondo Ureta, Koldobika Meso Averdi e Jesús Ángel Pérez Dasilva.	vol.26 e260032
8	Educação: tecnologias, cultura hacker e ensino de artes.	Juliano Casimiro de Camargo Sampaio.	vol.26 e260001
9	Programa de Inovação Educação Conectada: a nova política nacional para o uso das tecnologias nas escolas públicas no Amazonas.	José Augusto de Melo Neto e Selma Suely Baçal de Oliveira.	vol.27 e270084
10	Ensino Remoto como uma alternativa obrigatória: escola pública sob ameaça?	Carmen Teresa Gabriel Le Ravallec e Marcela de Moraes Castro.	vol.27 e270108
11	Empoderamento profissional de alfabetizadoras em sessões virtuais colaborativas.	Wagner Rodrigues Silva e Leonilde Campos.	vol.27 e270114
12	Instagram e a educação: algumas considerações.	Rodrigo Otávio dos Santos e Raquel Machado Lopes Rudnik.	vol.27 e270099
13	Mobilidade em tempos de imobilidade: estudantes internacionais em Portugal durante a pandemia de covid-19.	Juliana Chatti Iorio e Adélia Verônica Silva.	vol.27 e270096
14	Los condicionantes sociales, interculturales y personales que interfieren en educación inclusiva en tiempos de covid-19.	Antonio Hernández Fernández, Karina Elizabeth Delgado Valdivieso e Claudia de Barros Camargo.	vol.27 e270074
15	Las tecnologías aplicadas a la educación: el uso del booktuber para el desarrollo de la expresión oral.	Hugo Heredia Ponce, Manuel Francisco Romero Oliva e Carlos Gil González.	vol.27 e270057
16	Percepções de professores do primeiro ciclo do ensino básico sobre a integração de tecnologias educativas no processo de ensino e aprendizagem: o caso das comunidades escolares de aprendizagem Gulbenkian XXI.	Ana Maria Cristóvão, José Lopes Verdasca, José Luís Ramos e Hugo Rebelo.	vol.27 e270039
17	Ensino Remoto não é “ensino”?	Talita Vidal Pereira.	vol.28 e280017

Fonte: Elaborado pelos autores

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Podemos dizer, de antemão, frente à leitura e à consecutiva análise realizada dos artigos publicados pela RBE, que nosso trabalho urge com especial necessidade diante dos problemas enfrentados pelas instituições educacionais, devido às paralisações decorrentes da pandemia de Covid-19, que exigiu o consequente isolamento social e fechamento das escolas, e a pouca atenção dispensada aos problemas relacionados à inserção das tecnologias digitais enfrentados nas escolas públicas e aos jovens estudantes das classes socioeconômicas mais vulneráveis,

antes e depois da pandemia, principalmente se levarmos em consideração que mais de 650 mil crianças evadiram do ambiente escolar nos últimos três anos (HELOISA CRISTALDO, 2022).

Apesar da relevância do campo dos estudos da mídia-educação, decorrente da incrível expansão da presença das novas tecnologias de comunicação e informação e da internet, cada vez mais presentes em nossas práticas do cotidiano, no ano de 2020, num total de 65 trabalhos publicados pela RBE somente 3 abordaram o tema do uso de tecnologias ou da internet como ferramenta pedagógica e suas implicações no contexto educacional, ou que investigassem a capacidade das tecnologias digitais em melhorar as ações pedagógicas dos professores e estudantes. Dois artigos tratava-se de revisões bibliográficas, Ortiz e Corrêa (2020) analisaram as contribuições da Teoria do Conectivismo no processo de reconfiguração das redes de ensino e aprendizagem, e do papel de seus atores, demonstrando que as tecnologias contribuem para uma maior autonomia e relações de cooperação entre os sujeitos envolvidos nos novos processos de aprendizagem, e o trabalho de Ramos e Vieira (2020) trazem estudos que evidenciam que a utilização de tecnologias digitais associadas à práticas educativas podem contribuir em um melhor desempenho na retenção dos conteúdos estudados e na capacidade de “atenção” dos jovens em sala de aula, contrariando um costumeiro discurso que diz que as tecnologias servem somente para atrapalhar a atenção dos jovens de hoje. O último artigo trata de uma análise documental da BNCC tendo como atenção de sua análise as recomendações sobre o uso de tecnologias no processo de ensino e letramento no ensino fundamental (FUZA; MIRANDA, 2020).

Ainda nesses artigos aparece uma discussão, quase como pano de fundo, que envolve o uso das tecnologias informacionais e da internet em variados ambientes de aprendizagem que envolve a “desterritorialização do ensino” devido ao avanço dos dispositivos tecnológicos. Iremos aprofundar a discussão em torno desse assunto mais a frente, primeiro é importante citar alguns pontos antes de continuarmos a discussão.

A expansão do uso e acesso da internet, que já ocorre nos países centro-capitalistas e que vem, nas últimas duas décadas, galgando degraus no mercado consumidor brasileiro, principalmente pela popularização da banda-larga fixa e dos serviços pré-pagos de rede móvel, tem tornado o acesso à informação algo extremamente corriqueiro no nosso cotidiano, temos a disposição um número infindável de informações todos os dias por diversos meios de comunicação, e a internet tem desaparecido com as barreiras de tempo e de espaço que existem entre a informação e o usuário.

Nunca foi tão fácil acessar e consumir informações, Ortiz e Corrêa indicam que a “fluidez do conhecimento onde o mundo é regido por uma nova sociedade interconectada, em contínua interação com a informação e o fluxo de conhecimento” (2020, p.03) passam a exigir dos sujeitos um novo paradigma para lidar com conhecimento. Para o conectivistas, essa grande quantidade de informações “exige que o aluno esteja aberto ao processamento cognitivo contínuo” (2020, p.12); nesse modelo de comunidade de aprendizagem as mídias funcionam como uma rede comunicacional entre os sujeitos e o fluxo de informações, desse modo os atributos fundamentais para a efetivação da aprendizagem nesse sistema é a capacidade de comunicação entre seus membros e a capacidade de percorrer essas redes de conhecimento socialmente distribuídos em diversos canais e banco de dados acessados por dispositivos digitais a qualquer hora e de qualquer local, bastando ter acesso a um dispositivo com internet. A exemplo dos MOOC’s, sua estrutura de interação aberta “inclui uma abordagem inovadora da *desescolarização*, que se situa em experiências culturais diferentes das tradicionais” (2020, p.08 grifo nosso).

A busca entre as publicações da RBE do ano de 2021 resultou na seleção de 5 artigos. A pesquisa de Bruscato e Baptista (2021) foi baseada em um estudo de caso a respeito das percepções de estudantes e professores do ensino superior de Portugal e do Brasil sobre a utilização de diferentes modalidades de ensino durante o período de isolamento social causado pela Covid-19. Para esse estudo foram coletados questionários respondidos por 225 participantes durante o mês de maio de 2020, em sua maioria, os respondentes consideraram o ensino online “pior” que o modelo presencial, com dificuldades para comunicação, maior exigência nas avaliações e de carga de atividades para realizar remotamente e consideraram terem tido uma aprendizagem inferior, os professores ainda julgaram ter se dedicado muito mais tempo e esforço durante o período de ensino remoto.

Mesmo com um primeiro diagnóstico não tão favorável a respeito do ensino remoto, a maioria dos respondentes, quando questionados sobre como eles acham que será a modalidade de ensino nos cursos superior daqui para frente, declararam “acreditar que a mais utilizada será a modalidade híbrida” (2021, p.21).

É possível acreditar que as dificuldades e “piores” relatadas por esses participantes sobre o ensino remoto deva ser caracterizado pelo seu aspecto de ineditismo do contexto educacional no qual a maior parte de nós fomos forçados a estar. Também é importante lembrar que nem todas instituições e professores estavam capacitados para migrar para o ambiente online, não existiu, no nosso âmbito nacional, um projeto coeso sobre como realizar essa mudança e ficou

a cargo de cada instituição definir seus próprios planos e estratégias para mitigar os efeitos causado no ensino pelo isolamento social. Dessa forma, inúmeras instituições superiores privadas transferiram suas aulas para modalidade remota, aproveitando muitas vezes da estrutura de seus cursos EaD, enquanto boa parte das instituições públicas permaneceram fechadas (BRUSCATO; BAPTISTA, 2021).

A crença de que esses participantes trazem sobre o futuro híbrido do ensino superior, pode de alguma forma dizer respeito ao processo que citamos acima, da “desterritorialização do ensino”, facilidades como redução do custo e tempo para se locomover, flexibilização do horário, do ritmo de estudos e da comunicação entre os sujeitos envolvidos nas atividades pedagógicas são benefícios que tendem a ser apropriados pelas instituições educacionais em casos específicos.

É o que ocorre, por exemplo, nos projetos de Internacionalização em Casa (IaH, sigla em inglês). Uma investigação conduzida nesse campo (FERNÁNDEZ *et.al.*, 2021) indica que os principais benefícios para estudantes e professores inseridos em projetos de internacionalização são a democratização de uma atividade universitária intercultural, que proporciona um compromisso com a diversidade cultural e promoção de um olhar mais crítico de seus estudantes, possibilitado pela cooperação internacional de seus membros e a pela inovação pedagógica. Diante de inúmeras dificuldades, por exemplo a falta de incentivos estudantil e falta de perspectiva profissional, a redução dos custos de locomoção e das dificuldades burocráticas para realizar uma viagem internacional são um dos principais incentivadores para os estudantes participarem de projetos de internacionalização realizada a partir da utilização de novas tecnologias de informação e comunicação.

As tecnologias digitais também podem ser instrumento para formação continuada e autoformação dos docentes, como aponta outro trabalho, desde a “utilização dos dispositivos digitais para o exercício de funções e aprimoramento das práticas pedagógicas” (MACHADO *et al.*, 2021, p.04), como também a possibilidade de utilização dessas ferramentas para romper com o isolamento e solidão da profissão de educador, “fruto do isolamento provocado, em muitos, pelo excesso de carga horária e a falta de tempo-espacos” (MACHADO *et al.*, 2021, p.06), dessa maneira as tecnologias possibilitam a criação de momentos de reflexão como também espaços de interação e contribuição entre os pares mais flexíveis do que os tradicionalmente utilizados.

O trabalho teórico de Sampaio (2021), busca aproximar a compreensão crítica de como que as tecnologias associadas a uma concepção de cultura hacker pode colaborar para o avanço

no ensino de artes possibilitando aos jovens “que ampliem os modos de apropriação crítica das redes, das máquinas, dos meios de informação e comunicação, em relação aos seus aspectos técnicos e simbólicos” (2021, p.04), pois o simples acesso à informação e aos dispositivos multimídias não garantem a capacidade de construção de conhecimento.

A escola, segundo a perspectiva teórica adotada por Sampaio, é, ela própria, uma “tecnologia de época que precisa ser repensada para que possa atender às demandas mais atuais a que estamos expostos” (2021, p.06). A escola e professores não são mais os receptáculos do conhecimento como poderia ser pensado há cem anos atrás, escola e professores devem reavaliar a atitude em relação aos estudantes de modo a auxiliá-los, por meio da mediação do processo de cognitivo, a lidar com a massiva presença de informações que estão presentes em nosso cotidiano propiciado pela nossa “relação com o mundo a partir de estados de atenção-navegação-interação que fazem das pessoas autoras de seus próprios percursos de construção de conhecimento e produtoras de informações” (2021, p.09). As tecnologias de informação e comunicação associado ao espaço digital têm possibilitado aos educadores “pensar as pedagogias como percursos multidirecionais” (2021, p.12) entendendo o percurso da construção de conhecimento “em relação aos sentidos afetivos e cognitivos que a pessoa já tem acerca de si e do mundo, em direção a novos sentidos” (2021, p.09), as tecnologias digitais têm potencializado, segundo o autor, a poeticidade da imprevisibilidade da vida. Caberia aos educadores, assim como fazem os artistas, aprender a lidar com a imprevisibilidade do conhecimento.

Farias e Cazetta (2021) a partir da análise discursiva de duas animações produzidas com finalidades educativas, respectivamente, em 1962 e 2002 pelos canais da TV Escola e TV PinGuim, trazem um olhar crítico, no sentido de ser um contraponto, a respeito da chamada “sociedade da aprendizagem”. Ao observarem a operacionalização de políticas públicas que buscam valorizar a distribuição de obras audiovisuais educativas no contexto educacional brasileiro evidenciou-se a orientação de ideologias neoliberais sobre o que deve ser a educação e qual o papel do Estado e dos indivíduos no processo de instrução escolar. Segundo os autores, a compreensão discursiva em torno de como as tecnologias digitais têm impactado e transformado a forma como nos relacionamos com o conhecimento criaram uma ambivalência de espaços educacionais dos quais “não mais seriam monopólio institucional e espacial das escolas ou dos espaços formais de educação (2021, p.03).

O avanço da política neoliberal tem provocado reformas institucionais e políticas que “consistem na diminuição de ofertas de serviços públicos à população, resultando no aumento

e na intensificação da autorregulação dos sujeitos” (FARIAS; CAZETTA 2021, p.04), essa condição de “desterritorialização do ensino” é evidenciada na proliferação de dispositivos e meios tecnológicos voltados para a educação remota ou online, quando o saber é acessado a qualquer momento fora do ambiente escolar, para os autores, “inovação e tecnologia será, sobretudo, o centro desse novo paradigma, cujo mote é a desescolarização” (FARIAS; CAZETTA, 2021, p.11). O efetivo processo de desescolarização só é possível graças ao estabelecimento da matriz discursiva sobre a aprendizagem contínua, nessa possibilidade educativa “o poder institucional desloca-se do instrutor, daquele que ensina, para a interioridade do sujeito” (FARIAS; CAZETTA, 2021, p.20). *Burnout* em tradução livre pode ser lido como “queimar-se”, como se algo fosse destruído de dentro pra fora.

No ano de 2022 houve novamente um aumento no número de trabalhos selecionados na RBE que estavam enquadrados nos critérios de nossa revisão. Entre os 85 trabalhos publicados naquele ano foram selecionados 8 artigos. O trabalho de Melo Neto e Oliveira (2022) trata-se de uma análise contextualizada do Decreto nº 9.204, de 23 de novembro de 2017 que instituiu o Programa de Inovação Educação Conectada (PIEC) em substituição ao Programa Nacional de Informática na Educação, nesse artigo os autores avaliam quais foram as consequências dessas políticas de tentativa de universalização do acesso às tecnologias digitais e à internet para as escolas públicas do estado do Amazonas.

Em concordâncias com outros estudos (GREEN; HANNON, 2007), o trabalho de Melo Neto e Oliveira indica que o PIEC não se ajusta às particularidades das demandas regionais do Estado do Amazonas, principalmente no que diz respeito à escola rurais do interior, muitas dessas escolas estão desconectadas dos serviços básicos de internet, segundo os dados do trabalho somente 4% tinham conseguido aderir ao PIEC. Como se não bastasse a falta de equidade nas condições de acesso entre as escolas os autores destacam ainda outro problema relacionado implementação de tais decretos que é “a inserção do papel do setor empresarial na principal política pública educacional para o uso das tecnologias no espaço escolar” (2022, p.07). Essa discussão faz face ao artigo discutido acima, a redefinição do papel do estado orientado por políticas do mercado neoliberal busca reduzir a agência das instituições públicas com o objetivo de abrir margem para ação do capital econômico privado.

O problema é que dessa relação entre sistema público e capital privado pode resultar que o setor privado acabe “interferindo no conteúdo da educação pública” (MELO NETO; OLIVEIRA, 2022, p.09); no currículo, na gestão, na organização escolar e assim por diante. Como apontam os autores, a utilização da teoria das Quatro Dimensões (elaborada para ser

utilizada em escolas da Holanda) é uma grande demonstração da maneira como as políticas públicas quando orientadas pela lógica do mercado financeiro não atendem a integralidade da realidade de um país de proporções como o Brasil, acentuando ainda mais os problemas de desigualdade social, em que são negadas acesso ao capital cultural e tecnológico aos estudantes das regiões do país economicamente desfavoráveis. Segundo os autores, não basta simplesmente investir em tecnologias, as máquinas não alteram o caráter reprodutor que a educação possa ser levado a ter, pois a “inovação é um processo metodológico” (MELO NETO; OLIVEIRA, 2022, p.22) e não uma mercadoria.

É nesse cenário de ameaças, disputas e críticas pelas quais a escola e seus atores sociais vêm passando nas últimas décadas, que se instalou o contexto pandêmico e a introdução do recurso do ensino remoto nas redes de ensino público em praticamente todos os seus níveis. Através da análise do documento de Plano de Ação Pedagógica da SEEDUC (Rio de Janeiro, 2020), documento que funcionou como marco legal para implementação do ensino remoto da região Fluminense, Ravallec e Castro observaram traços discursivos que davam indício, novamente, da “afirmação e estabilização dos interesses privados no campo educacional” (2022, p.04), dessa vez através da implementação do Ensino Remoto Emergencial. A articulação entre setor privado e público é discursivamente mobilizada no documento quando este desloca “do discurso em defesa do acesso universal para os alunos da rede fluminense centrado na ideia de dever do Estado para aquele pautado no direito à aprendizagem” (2022, p.10). Segundo as autoras, a “desterritorialização do ensino” pode ocorrer pelo desgaste da representação política do espaço escolar e pelo deslocamento do compromisso do Estado com os estudantes, nesse caso, o documento da secretaria de educação desloca a ideia de dever coletivo do Estado para o direito individual do jovem. A pandemia agrava o problema educacional uma vez que acentua os problemas de acesso tecnológico já existentes e conforme corresponde a sustentação de projetos neoliberais de ensino remoto via ferramentas tecnológicas. Diante desse contexto de luta é necessário pensar e agir politicamente em defesa da escola e do seu espaço reafirmando “sua imprescindibilidade na construção de uma ordem social democrática em um terreno movediço” (2022, p.05), principalmente durante o momento de isolamento social e de implementações do ensino remoto em que a luta pela significação do ambiente escolar, e de seus saberes, sofreram desestabilizações em suas fronteiras.

Apesar das inúmeras críticas que foram, e devem, ser levantadas a respeito da implementação forçada do ensino remoto durante o período pandêmico e as possíveis consequências para o futuro da educação formal, houve sim, exemplos e espaços, em que as

tecnologias digitais e os ambientes virtuais fortaleceram a capacidade de reflexão e reforçaram do sentimento de pertencimento do agir profissional de docentes, possibilitado por atividades que permitiram a “co-construção de saberes especializados a partir do diálogo entre representantes” (SILVA; CAMPOS, 2022, p.04) de diferentes instituições de ensino. Tal espaço para refletir e participar só foi possível graças a uma atitude de abertura ao diálogo por parte dos sujeitos que estavam envolvidos nessas experiências de formação inicial docente. Em contrapartida, a crise sanitária, econômica e tecnológica causada pelo Covid-19 causou diversos tipos de prejuízos direto no processo de ensino-aprendizagem de estudantes internacionais do ensino superior de Portugal, acentuando as desigualdades já existentes entre estudantes de diferentes países e classes sociais, como apontou o estudo respondido por 703 estudantes internacionais (IORIO; SILVA, 2022). O que esses (SILVA e CAMPOS, 2022; IORIO e SILVA, 2022) e outros estudos (FERNÁNDEZ; VALDIVIESO; CAMARGO, 2022) nos corroboram a pensar é que os dispositivos tecnológicos não são essencialmente bons ou maus como instrumentos pedagógicos, mas os resultados que esperamos deles dependem da maneira como compreendemos e utilizamos essas ferramentas e as apresentamos aos jovens, se iremos estimular uma concepção criadora ou manteremos uma posição de reprodução com nossos estudantes. Nesse sentido, as experiências já realizadas no campo da mídia-educação demonstraram que é necessário, se quisermos transformar os avanços tecnológicos em melhorias para o desenvolvimento pedagógico de estudantes e professores, que haja um forte incentivo na formação profissional de docentes capacitados a enfrentar os problemas oriundos dessa nova realidade (CRISTÓVÃO *et al.*, 2022).

Os outros dois trabalhos que completam a seleção de artigos do ano de 2022 dizem respeito a possibilidade de uso de tecnologias de informação e comunicação e das redes sociais como ferramentas pedagógicas na educação em interface com a sala de aula, mais especificamente o uso de imagens e textos pelo Instagram (SANTOS; RUDNIK, 2022) e o gênero do Booktuber presente na plataforma do Youtube (PONCE; OLIVA; GONZÁLEZ, 2022). Santos e Rudnik salientam que utilizar as tecnologias atreladas ao ambiente das redes sociais, como Instagram, só faz sentido se educador pensar a educação relacionada ao contexto de vida do aluno, diretamente ancorada numa proposição de educação dialógica do pensamento de Paulo Freire, por isso é fundamental ao professor, diante de qualquer intervenção que venha a realizar, que este aprofunde seu próprio conhecimento sobre o conceito de tecnologia na/para educação, como também “se questione os fatores que podem motivar alunos e docentes na adesão dessa plataforma de comunicação, buscando compreender a intencionalidade e o

potencial de seu uso no campo educacional” (2022, p.21), é seguindo essa linha de pensamento que Ponce, Olivia e González acreditam que a utilização de tecnologias como Youtube podem se tornar recursos apropriados para o desenvolvimento da expressão oral de seus estudantes, pois “se quisermos criar um ambiente de aprendizagem contextualizado para a linguagem oral, é necessário saber onde, quando e como se desenvolve o contexto educativo dos nossos alunos, utilizando os recursos que estão ao nosso alcance” (2022, p.04).

Até o momento em que realizamos o levantamento de trabalhos para essa revisão (fevereiro de 2023) haviam sido selecionados no período de publicação de 2023 na RBE três artigos relacionados à educação e Covid-19, e após a leitura integral dos textos apenas um foi trazido para discussão seguindo os critérios utilizados para nossa revisão. O artigo escrito pela autora Pereira (2023) busca discutir a concepção de “ensino” e “ensino remoto” diante do contexto pandêmico produzido pela Covid-19, que de certa forma contribuiu para acelerar o processo de “desterritorialização do ensino”. Para a autora essa ruptura no significado atribuídos a escola é resultado, não só do avanço tecnológico, mas também de discussões produzidas em outros campos teóricos que questionam a concepção das “verdades absolutas”, e que envolvem “as formas de pensar e fazer educação, reflexões que contribuem para a des-sedimentação de sentido que legitimam e orientam decisões tomadas nos processos de escolarização” (2023, p.03). Segundo a autora, a motivação para a escrita de seu texto foi “a compreensão de que a denúncia e as ações em defesa do direito à escola não devem nos autorizar a idealizar o ensino presencial” (2023, p.04), aponta ainda que, esse momento caracterizado por uma profunda crise na identidade da escola deveria estimular as reflexões em torno do que entendemos como “normalidade” na educação.

Partindo de aportes teóricos pós-estruturalista, como a Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe, Pereira (2023) argumenta que os significantes que fundamentam o conceito da educação moderna como os princípios de igualdade, de universalidade, da emancipação, entre outros, e que são resultados de disputas que ocorrem no campo da vida pública e política, tornaram-se vazios de significados, e não como poderíamos supor, devido à ausência de interpretação sobre essas imagens, mas pela “saturação de sentidos nas tentativas de preencher e fixar a significação” (2023, p.03). É possível perceber a escola como uma instituição/ferramenta responsável pela socialização dos saberes considerados como universais e validados como necessários para compreender o funcionamento do mundo e fundamentais para a formação das próximas gerações. O processo de escolarização dos jovens “é parte de um processo de disputas que favoreceu o estabelecimento do privilégio epistemológico”

(PEREIRA, 2023 p.06) e que instrumentaliza a escola em um processo de uniformização arbitrária do pensar e na exclusão da alteridade do outro, em um mundo em que sua marca fundamental é a incerteza e o absurdo.

Longe de negar a existência ou materialidade da realidade, trata-se de compreender a condição relacional da construção da nossa visão de mundo, da significação do conhecimento. Em um mundo marcado pelo caos e pela pluralidade o objetivo da educação “é, ou deveria ser, possibilitar que cada ser humano, único e singular, possa se tornar presença em um mundo que é de pura diferença.” (PEREIRA, 2023 p.12)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto “Ensino remoto não é ‘ensino’?” de Talita Pereira (2023) a pergunta astutamente levantada pela autora nos faz refletir não somente sobre o que convencionamos chamar ensino remoto (considerado em seu “caráter emergencial” como algo inferior), mas muito mais profunda é a reflexão a que somos levados a fazer sobre o que é o ensino em tempos de “normalidade”. Atualmente a escola pode ser vista como uma grande oficina. O modelo atual de conhecimento vê o espaço escolar como o ambiente para que os sujeitos sejam produzidos, forjados, formados, preparados mediante a ação do mestre e segundo conteúdos e políticas públicas, para que depois sejam inseridos na vida em sociedade. Outra forma de ver o ensino é imaginar professores e estudantes produzindo juntos de maneira dialógica, ética, democrática e colaborativa o conteúdo de seus saberes.

Dessa maneira entendemos que um caminho que se apresenta como estrada fértil e carregada de possibilidades de novos encontros e descobertas no campo das pesquisas sobre mídia-educação está em observar as nuances que caracterizam a cultura midiática apropriada pelos próprios jovens em situações de aprendizagem. Entendemos que um conhecimento mais aprofundado sobre a relação que os jovens constroem com mídias pode permitir ao professor aperfeiçoar sua ação no espaço escolar de maneira coerente aos problemas apresentados pelo cotidiano atual. Encarar os problemas não com a ilusão de reatar um passado onde o tempo passava “mais devagar”, mas compreendendo a realidade que nos foi dada a partir das demandas trazidas pelos estudantes para a sala de aula.

A revisão analisou 17 estudos que abordaram as repercussões da tecnologia digital na sala de aula e da pandemia sobre o desempenho do ensino-aprendizagem em estudantes inseridos no regime de ensino online. Apesar da relevância do tema e do número expressivo de trabalhos selecionados para leitura, podemos notar que nenhum estudo procurou compreender

a cultura midiática dos estudantes a partir do olhar que esses jovens trazem de relação com as novas mídias, isso mesmo com tantos trabalhos chamando a atenção para responsabilidade do professor em promover uma educação relacionada ao contexto de vida dos estudantes e principalmente compreender a realidade dos estudantes que chegam até a sua sala de aula para promover uma educação comprometida com seu contexto.

REFERÊNCIAS

BRUSCATO, Amanda Maraschin; BAPTISTA, Jorge. Modalidades de ensino nas universidades brasileiras e portuguesas: um estudo de caso sobre a percepção de alunos e professores em tempos de covid-19. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 26, e260035, p. 1-25, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782021260035>.

BRUNER, Jerome. **Cultura da Educação**. Lisboa: Edições 70, 1996.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, dez. 2010.

CRISTÓVÃO, Ana Maria; VERDASCA, José Lopes; RAMOS, José Luís; REBELO, Hugo. Percepções de professores do primeiro ciclo do ensino básico sobre a integração de tecnologia educativa no processo de ensino e aprendizagem: o caso das comunidades escolares de aprendizagem gulbenkian xxi. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 27, e270039, p. 1-26, jan. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782022270039>.

FARIAS, Bruno da Mata; CAZETTA, Valéria. Sociedade da aprendizagem, Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) e TV Escola: governando os sujeitos via curtas-metragens de animação. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 26, e260044, p. 1-27, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782021260044>.

FERNÁNDEZ, Antonio Hernández; VALDIVIESO, Karina Elizabeth Delgado; CAMARGO, Cláudia de Barros. Los condicionantes sociales, interculturales y personales que interfieren en educación inclusiva en tiempos de COVID-19. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 27, n. 74, p. 1-18, jan. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782022270074>.

FERNÁNDEZ, Simón Peña; URETA, Ainara Larrondo; AYERDI, Koldobika Meso; DASILVA, Jesús Ángel Pérez. Aprendizaje colaborativo en grupos virtuales internacionales: creación de reportajes multimedia. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 26, e260032, p. 1-16, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782021260032>.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FUZA, Ângela Francine; MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva. Tecnologias digitais, letramentos e gêneros discursivos nas diferentes áreas da BNCC: reflexos nos anos finais do

ensino fundamental e na formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 25, e250009, p. 1-26, jan. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782019250009>.

GREEN, Hannah; HANNON, Celia. *Their space – Education for a digital generation*. Londres: **Demos**, 2007.

HELOISA CRISTALDO, (Brasília). Agência Brasil. **Censo Escolar**: mais de 650 mil crianças saíram da escola em três anos. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-01/censo-escolar-mais-de-650-mil-criancas-sairam-da-escola-em-tres-anos>. Acesso em: 10 jan. 2023.

IORIO, Juliana Chatti; SILVA, Adélia Verônica. Mobilidade em tempos de imobilidade: estudantes internacionais em Portugal durante a pandemia da covid-19. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 27, e270096, p. 1-19, jan. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782022270096>.

MACHADO, Giovanni Bohm; MACHADO, Juliana Aquino; WIVES, Leandro Krug; SILVA, Gilberto Ferreira da. O uso das tecnologias como ferramenta para a formação continuada e autoformação docente. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 26, e260048, p. 1-18, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782021260048>.

MELO NETO, José Augusto de; OLIVEIRA, Selma Suely Baçal de. Programa de inovação educação conectada: a nova política nacional para o uso das tecnologias digitais nas escolas públicas no Amazonas. *Revista Brasileira de Educação*, [S.L.], v. 27, e270084, p. 1-25, jan. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782022270084>.

ORTIZ, Jaime Andrés Torres; CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé. Aspectos pedagógicos del conectivismo y su relación con redes sociales y ecologías del aprendizaje. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 25, e250026, p. 1-22, fev. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782020250026>.

PEREIRA, Talita Vidal. Ensino remoto não é “ensino”? **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 28, e280017, p. 1-17, jan. 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782023280017>.

PONCE, Hugo Heredia; OLIVA, Manuel Francisco Romero; GONZÁLEZ, Carlos Gil. Las tecnologías aplicadas a la educación: el uso del booktuber para el desarrollo de la expresión oral. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 27, e270057, p. 1-25, jan. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782022270057>.

RAMOS, Daniela Karine; VIEIRA, Rui Marques. Repercussões das tecnologias digitais sobre o desempenho de atenção: em busca de evidências científicas. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 25, e250048, p. 1-16, abr. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782020250048>.

RAVALLEC, Carmen Teresa Gabriel Le; CASTRO, Marcela de Moraes. Ensino remoto como uma alternativa obrigatória: escola pública sob ameaça?. **Revista Brasileira de Educação**,

[S.L.], v. 27, e270108, p. 1-24, fev. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782022270108>.

SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. Educação: tecnologias, cultura hacker e ensino de artes. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 26, e260001, p. 1-15, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782021260001>.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos; RUDNIK, Raquel Machado Lopes. Instagram e a educação: algumas considerações. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 27, e270099, p. 1-24, jan. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782022270099>.

SILVA, Wagner Rodrigues; CAMPOS, Leonilde. Empoderamento profissional de alfabetizadoras em sessões virtuais colaborativas. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 27, e270114, p. 1-25, fev. 2022. FapUNIFESP (SciELO).

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de; CERIGATTO, Mariana Pícaro. Mídia-educação no Ensino Médio: por que e como fazer. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 44, p. 235-254, abr./jun. 2012.

UNESP (São Paulo). Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos (org.). **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu: Unesp, 2015. 19 p.